Ano XIX — Lisboa, Novembro de 1963 — N.º 223

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Os brinquedos de guerra

"Não os tornem culpados!"

Não é demais tudo quanto se faça com o fim de dar a saber aos adultos que o brincar é uma actividade fundamental para as crianças.

Já temos ouvido lamentar — e com que razão! — aquelas crianças que não sabem ou perderam o gosto de brincar. Decerto que uma criança que denote ausência de interesse perante uma ocupação que, não só lhe é peculiar, mas também indispensável à sua formação, foi com certeza atingida por grave distúrbio psicológico, que importa estudar sem demora, para que a aplicação da terapêutica adequada não se faça tardar.

O instrumento que a criança utiliza frequentes vezes para a realização dessa importante actividade infantil — o brinquedo — tem de ser alvo de uma criteriosa escolha, a fim de que sejam plenamente atingidos os objectivos educacionais de que é um excelente veículo.

Infelizmente, a ganância e a inconsciência de certos fabricantes — que encontra completa correspondência na falta de preparação de tantos pais para levarem a cabo a tarefa educacional — fazem com que este meio de acção, tão precioso, do sector pedagógico, seja desvirtuado, com a oferta às crianças de brinquedos que podem embotar a sua sensibilidade. Referimo-nos aos chamados brinquedos de guerra.

De facto, nas nossas lojas vê-se toda a sorte de bonecada de inspiração militar, com o que as crianças darão largas e apurarão os seus instintos de violência, que a educação tem o dever de reprimir. Pistolas, sabres, canhões, espingardas, tanques, barcos de guerra, etc., etc., são-lhes distribuídos, aos milhares. Quem poderá calcular os estragos que tal procedimento poderá ocasionar? Quantas tendências de belicosidade vão ganhar alento com o uso desses objectos?

Porém, o problema nem em toda a parte é negligenciado. Chega-nos agora a notícia de que, na Feira de Nuremberga, onde se viam mais de 250 000 brinquedos de fabricantes de todo o mundo, poucos brinquedos de tipo militar se encontravam.

A notícia acrescenta que, antes da realização da feira, já houvera protestos contra a fabricação de brinquedos bélicos. Nas estradas que davam acesso ao certame, viam-se enormes cartazes que ostentavam uma cabeça de criança, um tanque de guerra e um cemitério pejado de cruzes. Um dístico, em quatro línguas, proclamava. «*Não os tornem culpados!*»

Saudável manifestação de espírito colectivo, de mais a mais numa cidade que foi teatro de um dos mais trágicos acontecimentos da última guerra, o célebre julgamento de Nuremberga.

Porque não iniciam as organizações educativas do nosso país uma campanha similar contra a fabricação e venda de brinquedos militares? Seria um empreendimento de utilidade, que até daria aos pais o ensejo de reconsiderarem sobre os seus deveres para com as crianças, cuja educação lhes está confiada. A quadra do Natal, que se aproxima, é momento oportuno para essa campanha e para chamar os pais à meditação acerca de tão importante problema educativo.

JOEL RIBEIRO

A morte do Presidente Kennedy

A morte de John Kennedy, presidente dos Estados Unidos da América, veio fornecer mais uma prova da tremenda crise moral em que o mundo se debate.

Este lamentável facto revela, com toda a crueza, as medonhas maquinações de homens que põem as mesquinhas paixões e interesses materiais acima do respeito que deve merecer a vida do próximo.

John Kennedy tombou inglòriamente, vítima de um golpe traiçoeiro, friamente preparado e executado, de que resultou a morte de um homem de carácter, inteligente, dinâmico, sensato, animado de grande vontade em procurar uma resolução aceitável para os complexos problemas que atormentam a Humanidade.

Mais doloroso que a desaparição do político arguto e sabedor, é o vácuo criado à volta de uma mulher jovem e de duas crianças, tão cedo lançadas na orfandade, situação de que nem a abundância de meios materiais consegue eliminar as dolorosas consequências. Mais perturbante que a perda do homem político, é a descoberta de um mundo tenebroso, onde se situam poderosas camadas sociais, que vivem à margem de qualquer inibição de ordem moral e para as quais não há cotação possível para os valores de natureza espiritual.

Perante este quadro de tão trágicos reflexos, recordamo-nos que, não ainda há um século, exactamente em 1865, uma cena semelhante ensombrou aquela nação: o assassínio de Abraão Lincoln.

Volvidos todos estes anos, duas perguntas nos ficam a bailar na mente: Teria o mundo registado um progresso moral sensível com o transcurso de tão apreciável lapso de tempo? A necessidade mais imperiosa da sociedade moderna será, apesar de tudo, tanto de progresso material como de uma verdadeira reforma de costumes e de pensamento?

Pág. 8 ——→

Para os novos Caminheiros

O Caminheirismo em acção



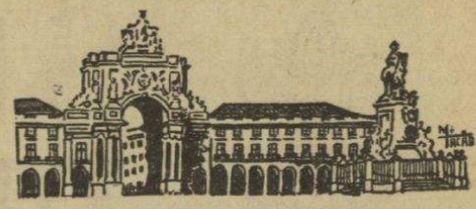
«A partida», inicia simbòlicamente a rota do caminheiro. Pode muito bem dizer-se como base de afirmação de uma vocação decidida de serviço; começo de uma nova etapa de profundo significado como consequência dos resultados obtidos na etapa anterior de formação escoteira.

Mas essa marcha simbólica não afasta o caminheiro da grande irmandade escotista. É precisamente o começo de uma nova etapa, difícil e maravilhosa, que coloca o jovem na sociedade e ao seu serviço. Não pode o caminheiro investido conformar-se com o ter passado à fase dos irmãos maiores. O escotismo requer um ânimo constante de perfeição e dedicação para Serviço, e, para servir, é necessário fomentar aptidões, adquirir conhecimentos, trabalhar sem descanso, pôr em acção o máximo das nossas energias físicas e espirituais para poder oferecer cada dia um maior rendimento no nosso serviço. Isto supõe uma actividade vigilante, activa, constante e real de esforço; para o caminheiro, a quem o escotismo formou, a vida não é deslizar, deixar-se levar pelas águas até ao fim; é sim vogar com energia, dominando a corrente. É construir o edifício de uma perfeição própria que assegure a possibilidade de uma maior eficácia em tal serviço. Por isso, na etapa que começa para o caminheiro com a simbólica partida, são muitas as sugestões que hão-de completar a sua dedicação; com decidida vocação, o caminheiro irá realizando a selecção das suas possibilidades para uma maior eficácia.

Como pode verificar-se, o trabalho formativo não terminou, embora isso fosse outrora interpretado erròneamente por alguns e se pretendeu retardar as consequências mediante um acesso mais tardio para o caminheirismo, mas isto não podia solucionar o problema, pois a realidade era que não se havia alcançado uma exacta visão da eficácia que pode ter uma actividade de Clã bem orientada, se se tiver em conta a fase vital do jovem caminheiro ante as expectativas e solicitudes da vida e a solução dos seus problemas que constituem a sua projecção no futuro. Nesta época crucial é muito necessária uma autêntica colaboração, um apoio moral e, em alguns casos, também material, que a actividade da equipa pode prestar sob a inteligente direcção do Chefe de Clã. Não é tanto a actividade escotista pròpriamente dita, com a sua vida de campo, suas marchas e seus acampamentos que aqui interessa; é sim a penetração no ambiente social em que o jovem inicia seus passos pela sociedade com suas necessidades e com a imensa gama de oportunidades e inquietações que a vida social encerra, com problemas que deverão ser abordados com decisão resoluta, pondo nela a rectidão moral, a lealdade e sinceridade que o escotismo forjou no carácter do caminheiro. Valor e decisão, nobreza e olhares sobrenaturais que elevam o homem de carácter à verdade pelo caminho da justiça, com humildade e abnegação, abraçando sinceramente a vocação de servir e ajudar o próximo em toda a circunstância, sendo na sociedade que se desenvolve o jovem caminheiro, exemplo natural de virtudes dignas de seguir. Caminho duro que necessita um esforço constante para vencer, vencendo-se a si mesmo, aprendendo a ser firme e perseverante seguindo a rota que nos traçou o Senhor nosso, Jesus Cristo, Mestre e Guia dos bons cristãos, fonte inesgotável de caridade, exemplo sempre vivo que nos chama para nos conduzir com amor à morada do Pai.

Velai, pois, bem as armas, fortalecei as virtudes que tendes conseguido fazer frutificar no treinamento escotista, tendo sobriedade e temperança; dominai as paixões que o inimigo desencadeia qual tempestade nestas etapas em que a inexperiência é muita e a vida irrompe como torrente de vigor, de luz e de multiplicidade nas imitações, por isso ante as provas, novo exemplo de disciplina, formado o quadro defensivo e o próprio tempo efectivo da actividade da equipa. Não pretendeis marchar só sem o contraste necessário, sem meditar as resoluções que podem arrastar-nos à corrente. A equipa dos irmãos, a experiência do Chefe e a força moral da promessa renovada, serão de uma utilidade extraordinária na etapa do serviço.

———→



ESCOTISMO NÁ CAPITAL

GRUPO N.º 8

Na sede deste grupo, na rua Febo Moniz, realizou-se no dia 26 de Outubro próximo passado uma sessão dedicada aos pais dos escoteiros, no qual o nosso Redactor Principal, sr. Joel Ribeiro, fez a palestra que noutro lugar publicamos. Presidiu o sr. Albano da Silva, secretário-geral da Direcção da A. E. P., ladeado pelos srs. Rev. Carlos A. Vasconcelos, Luís Simões Aurélio, o Director do nosso jornal e o orador.

Prestaram promessa durante esta sessão os novos escoteiros José Gonçalves Estrela, Armando Manuel Santos, Américo Pereira da Costa, Eduardo Manuel Miragaia, Manuel José Araújo, Amílcar Carvalho e Luís Filipe José.

Foram projectados alguns filmes escoteiros e servido um chá a todos os presentes. Encontravam-se representados os grupos n.os 2, 10 e 14.

Aplausos à sugestão de dar o nome do Dr. Sá Oliveira a uma rua de Lisboa

O Sr. António Maria Coelho, de Lisboa, escreveu-nos apoiando a sugestão de solicitar ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa que seja dado o nome do Dr. António Joaquim Sá Oliveira a uma rua de Lisboa. Diz ele:

Lisboa 3 de Novembro de 1963

...Sr. Director do «Sempre Pronto»

Permita me que lhe dê os parabéns, bem como ao sr. Ernesto de Sousa, pela oportuna sugestão de dar o nome do Dr. Sá Oliveira a uma rua da nossa Capital. Acho a ideia justíssima. O Dr. Sá Oliveira notabilizou-se não só pela sua dedicação ao Escotismo, mas foi um mestre incomparável, que tinha a estima e admiração de todos os seus alunos. Foi por muitos anos Reitor competentíssimo do Liceu Pedro Nunes, e prestou ainda grandes serviços ao Desporto e Educação Física Não só os Escoteiros, mas também os Antigos Alunos do Liceu Pedro Nunes deviam apoiar esta sugestão dirigindo uma petição por todos subscrita ao mui digno Presidente da Câmara Municipal. Não deixe, Senhor Director, morrer a ideia.

Saudações...

do

a) António Maria Coelho

Pessoalmente, muitos dos nossos leitores nos manifestaram a sua concordância com as sugestões feitas pelo nosso amigo e colaborador Sr. Ernesto de Sousa, tanto no que se refere ao sr. Comandante Melo Machado como ao Sr. Dr. Sá Oliveira. Agradecemos todos os pareceres que nos foram dados e interessantes sugestões. Estamos prontos a continuar a agitar a ideia de maneira a fazer despertar o entusiasmo de todos os Antigos Escoteiros. Mas a concretização destas sugestões só poderá ser realizada pela ilustre Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, para a qual endereçamos os alvitres que temos publicado. Os Antigos Escoteiros do Grupo 3 são especialmente qualificados para apoiar e até promover, juntamente com a Direcção da A. E. P., a petição ao sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Entretanto, continuaremos a registar nestas colunas as manifestações de apoio que recebermos.

SERVIÇOS CENTRAIS

O Comandante António Tengarrinha Pires tomou posse do cargo de Escoteiro-Chefe-Geral

Em 24 de Outubro, na sede central, realizou-se a cerimónia da transferência de poderes do sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra David de Carvalho para o novo Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Capitão-de-Fragata António Tengarrinha Pires. Ao acto assistiram os srs. E. C. Luís G. Tovar de Lemos, Eng.º Nobre Santos, Albano da Silva, Comandante Diogo Afonso, Manuel Peixoto, Manuel Dias de Almeida e Garcia de Almeida, dos Serviços Centrais; Quintino Pinheiro, da Fraternal; muitos chefes de grupo e antigos escoteiros, sendo o "Sempre Pronto" representado pelo E. C. José Eduardo Pena Ribeiro.

O sr. Comandante David de Carvalho apresentou as suas despedidas e agradeceu a colaboração que lhe tinha sido dispensada pelos seus colegas de Direcção, bem como por todos os dirigentes, tendo feito o elogio da formação de chefes.

O sr. Manuel L. Peixoto, secretário das relações internacionais, falando em nome da Direcção, agradeceu ao sr. Comandante David de Carvalho o esforço que dispendeu ao serviço do Escotismo e a boa vontade que sempre demonstrou. Agradeceu ainda ao sr. Comandante Tengarrinha Pires o ter aceite o cargo para que fora convidado. Este, por sua vez, disse da sua satisfação em poder servir os Escoteiros de Portugal, agradecendo as palavras de saudação com que tinha sido recebido.

Todos os presentes cumprimentaram o novo Escoteiro-Chefe-Geral, expressando os melhores votos pelo completo êxito da sua carreira.

Corrigindo o que dissemos na notícia da nomeação de novo E. C. G., na parte respeitante aos adjuntos, informamos que o E. C. G. Tovar de Lemos não resignou das suas funções, — que vem exercendo desde 1954 quando para o cargo foi escolhido pelo Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, — mas, ao abrigo das disposições regulamentares, foi nomeado mais um adjunto: o E. C. com Insígnia de Madeira Eng.º José Maria Nobre Santos.

* * *

O sr. Comandante António Tengarrinha Pires tem 48 anos de idade e foi alistado na Escola Naval em Outubro de 1934, tendo sido promovido a guarda-marinha em 1 de Setembro de 1937 e a capitão-de-fragata em 19 de Outubro de 1960. Tem o Curso de Táctica Anti-Submarina Aeronaval. É professor de Educação Física pelo I. N. E. F.. Tem uma brilhante folha de serviços na Armada e possui as condecorações de Mérito Militar de 2.ª classe, é Comendador da Ordem Militar de Avis e da Ordem do Infante D. Henrique. Tem a Medalha Militar de Prata de Comportamento Exemplar e a Cruz de Mérito Naval de Espanha de 1.ª classe, distintivo branco.

* * *

Sempre Pronto renova as felicitações que teve já oportunidade de apresentar ao novo Escoteiro-Chefe-Geral e faz-se intérprete do sentir de todos os Escoteiros — antigos e actuais — expressando o desejo de que sob sua orientação o Movimento encontre o caminho do progresso e florescimento por que todos anseiam.

Escoteiro Henrique Alberto Silveira Luís

Em trânsito para o Brasil, esteve alguns dias em Lisboa este escoteiro, membro do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, de Angra do Heroísmo, que teve a gentileza de nos visitar a transmitir saudações dos companheiros daquele grupo. O Escoteiro Henrique Luís teve oportunidade de assistir a uma festa do Grupo 8, tendo embarcado no dia 29 de Outubro passado, com destino a Petrópolis, onde vai fixar residência. Desejamos-lhe muitas felicidades.

O Caminheirismo em acção

Entretanto, o tempo passará, cimentando vossos generosos esforços e forjando vosso templo, assentando firmemente os ideais vivos que existem em vosso ser, afirmando de forma definitiva e completa o carácter, o selo de uma personalidade definida, concreta, recta e limpa, leal e cavalheiresca, galharda e valente, sem falsos respeitos humanos, abnegada e humilde porque conhece a grandeza do Criador, sua bondade e sua misericórdia, que é capaz de amar e sacrificar-se pelos irmãos e que está no mundo como peregrino dando testemunho de sua fé com calor e vida.

WON-TOLLA
R. S.

De «La Selva» — Clã Haiti — Saragoça

"ESCOTEIRO" com "O" é a grafia adoptada pela Associação dos Escoteiros de Portugal

Por resolução da Direcção, a palavra Escoteiro no título da A. E. P. será sempre com «O». No texto da correspondência poderá quem quiser empregar a grafia oficial com «U» — desde que isso não se refira ao nome da instituição.

N. da R. — *É muito pertinente esta deliberação da Direcção Central em virtude de nos parecer confuso o facto de constantemente aparecerem as duas grafias, por vezes no mesmo texto ou no mesmo impresso. Adoptando a palavra ESCOTEIRO não se optou por uma grafia em oposição a outra, mas escolheu-se uma palavra entre duas distintas, aceitando-se aquela que está na tradição do nosso movimento.*

O Quinquagésimo Aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal

Na interessante evocação histórica da fundação do Escotismo em Portugal feita no último número de «Sempre Pronto» pelo nosso dedicado amigo e colaborador sr. Ernesto de Sousa, dizia-se que o 2.º Grupo se fundou em Lisboa, na sede da Sociedade de Instrução Militar Preparatória, na rua da Esperança. Conforme se tem dito diversas vezes neste jornal, aquela sede era na Rua do Guarda-Mor, no Bairro da Esperança. Fica feita a rectificação.

No mesmo artigo, quando se sugere que seja dado o nome do Dr. Sá Oliveira a uma rua de Lisboa, atribui-se-lhe as qualificações de *pedagogo e fundador do Escotismo em Portugal*. Parece que alguém fez reparo ao facto de se lhe atribuir a qualidade de «fundador». É certo que o Autor do artigo dera esse atributo — com muita justiça — ao sr. Comandante Melo Machado. Porém, um salto na composição, ao ser corrigido, originou aquela troca, que aos nossos revisores não causou estranheza. De facto, sem preterir outros pioneiros, não é certo que o Dr. Sá Oliveira foi também um dos fundadores?

* * *

Na legenda da gravura que publicámos no último número sobre a fundação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, fotografia da mesa que presidiu à respectiva sessão, onde se lia «Sr. Coronel Lopes Mateus», representante da Sociedade de Geografia, deverá ler-se «Sr. Coronel Lopes Galvão» que durante muitos anos e até ao seu falecimento foi director daquela prestigiosa instituição.

Pedimos desculpa dos lapsos.

Publicações

Como educar e adaptar à vida os pequeninos

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social publicou em opúsculo a conferência que, com este título, a Sr.ª Professora D. Maria Irene Faria do Vale proferiu no Porto, em 20 de Janeiro de 1961, a seu convite. Trata-se de um trabalho de muito interesse, que nos ajuda a compreender a criança e indica os métodos e a maneira de as encaminhar na vida. É leitura que merece a atenção de todos os pais e educadores.

Os pedidos podem ser feitos para a sede da Liga, Rua de Santa Catarina, 108, Porto, ao preço de 10$00 o exemplar.

Agradecemos o exemplar oferecido.

The Bible in the World e For Every Land

Por gentileza da Sociedade Bíblica, que agradecemos, recebemos o número de Setembro-Outubro de ambas as citadas revistas. Lamentàvelmente a segunda revista, dedicada à mocidade, anuncia que só publicará mais um número.

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

De luto — Em 19 de Outubro passado, faleceu em Lisboa a sr.ª D. Adelina Júlia Reis Martins, de 33 anos, casada com o sr. Joaquim Francisco Martins e irmã do nosso estimado amigo sr. Júlio Maria Reis, antigo escoteiro do Grupo n.º 94 e ainda membro da sua Direcção. O funeral realizou-se com grande acompanhamento, no dia seguinte, para o cemitério da Ajuda, tendo "Sempre Pronto" sido representado pelo seu Administrador.

À família enlutada, particularmente ao nosso companheiro sr. Júlio Maria Reis, apresentamos sentidas condolências.

DO VALOR DA MNEMÓNICA

pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Na plataforma alpestre de Adelboden, em pleno «Oberland Bernois», como quem diz, nas terras altas do Cantão de Berna, a 1353 metros de altitude, onde, a 31 de Julho de 1932, se inaugurou a «Maison Internationale des Éclaireuses», estamos minorando as saudades de Portugal com as belezas e doçuras deste privilegiado recanto do mundo turístico.

Aqui nos foram chegando as notícias, mais ou menos circunstanciadas, do Jambori Mundial de Atenas; da Assembleia Ecuménica de «Fé e Constituição», de Montreal; da acção dos 550 escoteiros holandeses no horrível terramoto de Escóplia (como talvez se deva grafar aquele bárbaro nome eslavo de Skoplje); dos tratos a que se terão dado os respeitáveis Comuns do Parlamento londrino para que a sociedade restitua a vida a Jaime Hanraty, enforcado há ano e meio e agora reconhecido por inculpado do crime que lhe assacou; da fascinante Exposição Internacional da Cruz Vermelha, aberta em Genebra para celebrar o centenário da sua fundação, pelo cristão suíço Henrique Dunant, onde avulta um pavilhão japonês feito à pressa com ligaduras brancas e duas tiras de cobertas vermelhas, com que se salvaram 65 soldados ameaçados de morte crudelíssima; e enfim, da próxima visita a Paris do chefe pele-vermelha dos «Zebrados», a fim de fumar o «cachimbo da paz» com o Presidente De Gaulle, contribuindo assim, quanto em si caiba, para o bom entendimento das nações de ambos: tema este decerto muito da simpatia de todos os nossos Escoteiros, pelo pitoresco de afinidade que encerra.

Com que satisfação hão de ter sabido do feito dos seus camaradas dos Países Baixos, praticando em tão alto nível a Boa Acção, e com que curiosidade imaginarão aquela cerimónia selvista (ou de «woodcraft») de Mr. Hamilton, viajando no trajo tradicional dos «sioux» para cachimbar com o grande General «rosto pálido», na promoção ideal da paz por todos desejada e por tantos traída!

* * *

No meio de tantos assuntos do mundo, vejo um assunto local muito interessante: a falta de professores, devida provàvelmente às vantagens económicas que as profissões da Indústria oferecem, tem levado a pensar-se no «ensino rápido», com a redução por meios práticos do curso do magistério. Há protestos, bem entendido, e há razões para eles. Mas suponho que seria possível alguma redução vantajosa.

A maneira de ensinar e a maneira de aprender estão sujeitas a processos mais ou menos prolongados. A mnemónica, que em Portugal teve num dos irmãos Castilho, imigrados em França, o primeiro teorizador, dá aos estudantes certas possibilidades de fixação e assimilação, próprias a encurtar o tempo de aprendizagem. Professores há que o realizam, a par do emprego de diagramas, sinopses e sincronismos, etc., propondo ou sugerindo as chamadas «estacas mnemónicas», baseadas no princípio que conduz do conhecido ao desconhecido, do simples ao complexo, do próximo ao remoto.

Lembrei-me, em meio deste remanso, de vos apresentar como exemplos dos que cada um, para seu uso, poderá inventar, os seguintes:

O mar cobre tantos milhões de quilómetros quadrados quantos são os dias do ano, isto é, entre 365 e 366, (estes, os bissextos). E como a superfície total do globo é de quase 510 milhões de Km2, logo a parte seca do solo é de uma grosa de quilómetros.

Ora façam agora as contas:

$365 + 144 = 509$ ou $366 + 144 = 510$.

Basta reter na memória os dias do ano, o número de uma grosa, ou doze dúzias, e a regra!

Outra: podemos recordar fàcilmente quais são os cinco maiores pintores espanhóis, ligando os seus nomes, pela lei da associação de ideias, às vogais:

A — Velasquez
E — El Greco
I — Murillo
O — Goya
U — Zurbarán.

Poderemos ainda aproveitar as vogais, patriòticamente, para recordar cinco livros-mestres de Portugal:

Leal Conselheiro
Décadas da Índia
História Trágico-Marítima
Colóquios dos Simples e Drogas
Lusíadas.

Os acrósticos também são aproveitáveis. Exemplo aplicado às Missões Cristãs:

M isericórdia
I niciativa
S acrifício
S egurança
A daptação
O ração.

Este sêxtuplo segredo do êxito missionário pode ser desenvolvido por cada um que conheça a obra dum Padre Damian, missionário católico-romano aos leprosos; dum Dr. Schweitzer, missionário cristão racionalista na África, dum Paton, missionário evangélico em ilhas do Pacífico. E quantos mais!

Decora-se também uma poesia, por vezes pelo conhecimento da música, se é cantada; outras vezes por um começo muito conhecido. Dou o exemplo duma oitava que se pode decorar (não vale a pena decorar, no caso presente, é só um exemplo) pelo conhecimento tão generalizado das notas da música, que aliás nasceram duma oitava no latim, em honra de S. João:

Do - tes nos trazes,
Re - ptos nos fazes:
Mi - lhares de provas
Fa - ctos nos dão.
Sol - da noss'alma
Lá - grimas seca
Si - lente calma
Do - ma a paixão.

Creio que, mais ou menos, apanhei a ideia do latim.

E basta — não acham? — para demonstrar e sugerir.

Eduardo Moreira

Atrasado na Redacção

Humor ingénuo

Em visão de grande audácia
De que conservo alguns traços,
Vo-los transmito em sigilo:
Vitória de Samotrácia
Pôs a cabeça nos braços
Da Vénus achada em Nilo!

E. M.

* * *

Este número foi visado pela Comissão de Censura

UMA PALESTRA DE JOEL RIBEIRO

O QUE É O ESCOTISMO

Joel Ribeiro, Redactor Principal de «Sempre Pronto», proferiu em 26 de Outubro, na sede do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal, uma interessante palestra dedicada aos pais dos escoteiros daquele Grupo. Depois de saudar os presentes e afirmar que não tinha podido recusar o convite que lhe fora feito, por o dedicado dirigente do Grupo 8 merecer, pelo seu excelente trabalho, que se lhe não negue a colaboração, disse:

Entrando no assunto que me trouxe aqui, devo declarar sem hesitação que expor o que é o Escotismo é tarefa assás difícil. É que o movimento de B.-P. escapa a todas as explicações concisas, e nunca se encontra uma fórmula certa que o defina capazmente. Pelo menos, nos milhares de páginas que tenho lido sobre este método educativo nunca encontrei qualquer definição exacta, completa, satisfatória, que em poucas palavras nos inteire do que é, na verdade, este movimento.

Até B.-P., o seu fundador, nunca forneceu uma fórmula definitiva que abrangesse e interpretasse o todo do método educativo que concebeu. Pelo contrário, torneou este problema dando-nos a noção deste movimento ora por meio de exemplos retirados de factos concretos, ora por meio de imagens que ele arrancava da vida real, ora com a resposta que o Escotismo está habilitado a fornecer aos diversos quesitos da problemática educacional.

Também eu, encorajado por tais antecedentes, não cometerei a imprudência de tentar dizer o que é o Escotismo, porque sinto que não seria mais feliz que o seu fundador em encontrar uma forma sintética que nos dissesse, com a clareza indispensável, o que é e para que serve o Escotismo.

Já estou a ouvir surdos protestos pela maneira como parece que pretendo fugir ao compromisso que assumi, ao vir a esta agradável reunião, de dar algumas noções sobre a finalidade e a estrutura deste movimento a que confiastes os vossos filhos. No entanto, anuncio que, nesse aspecto, não há razões para esses desabafos, pois estou decidido a corresponder ao convite que me fizeram de uma forma um tanto diferente: em vez de dizer o que é o Escotismo, tentarei dar uma explicação, quando possível clara e concisa, do que deve ser o Escoteiro, ou melhor, do que é o verdadeiro Escoteiro, se para tanto me ajudar o engenho e arte, como diria o nosso grande Poeta.

Quero, contudo, fazer um aviso: nas considerações que vou fazer, não me limitarei a descrever o que é o verdadeiro escoteiro. Para isso, bastaria reproduzir os artigos da Lei: o escoteiro é verdadeiro, o escoteiro é leal, o escoteiro é obediente, etc.. Como, porém, esse admirável Decálogo ou é do conhecimento quase geral, ou bastante acessível para quem ainda o ignorar, decido-me a mostrar-vos o verdadeiro escoteiro através de expedientes que julgo também eficazes para se atingir esse objectivo. Não me limitarei a apontar o que é o Escoteiro-Modelo, mas esforçar-me-ei por vos indicar o caminho por onde se chegará a ganhar o direito a ser assim considerado.

O rapaz que sugeriu a B.-P. o Escotismo

B.-P. tinha, como aliás não podia deixar de ser, uma ideia muito perfeita do que é o verdadeiro escoteiro. Conta-se até que, muitos anos antes de ter dado a forma oficial a este movimento, quando se encontrava em Mafeking a braços com o implacável cerco que os Boeres tinham levantado às forças que lhe estavam confiadas, apareceu no seu Quartel-General um rapazinho, um Zé-Ninguém, como nós, portugueses, talvez o designássemos, que queria falar ao coronel B.-P.

O oficial subalterno, que o atendeu, respondeu-lhe com duas pedras na mão:

— Mas tu julgas que o sr. Coronel não tem mais nada que fazer? Julgas que um garoto como tu pode falar assim com ele? Se tens alguma coisa importante a comunicar-lhe, escreve-lhe porque ele não pode perder tempo com ninharias.

Mas o rapaz não se quis dar por vencido, e insistiu na sua pretensão:

— Quero falar com o sr. Coronel. Leve-me, por favor, à sua presença.

Foi então que apareceu em cena o Coronel B.-P., que, nessa altura, passava no local. Ao vê-lo, o rapazinho não perdeu tempo e gritou:

— *Sir*, inscreva-me no exército. Sei que sou muito novo, mas corro muito depressa. Pode confiar em mim, pois farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser útil.

B.-P. ficou intrigado não só com a expressão do rapazinho, como também com a firmeza de que dava mostras. Colocando-lhe a mão no ombro, disse-lhe simplesmente:

— Deixa o teu nome e a tua morada.

Este rapazinho, afinal, era, nem mais, nem menos, que John Goodyear, o qual viria a ser considerado o primeiro escoteiro do mundo!

Alguns dias mais tarde — 23 de Outubro de 1899 — João Goodyear recebia o uniforme e as divisas de cabo. Porém, o expedito rapaz não se quedou por aqui. Arranjou outros rapazes da sua idade e formou com eles uma patrulha — foi sem dúvida a primeira patrulha de escoteiros — a qual se dedicou ao desempenho de pequenos serviços, — pequenos serviços é certo, mas de profunda importância nos tempos de emergência que então decorriam. Essa patrulha tomou à sua conta o serviço de agentes de ligação (arriscadíssimo, como é fácil de calcular), o serviço de estafeta, de plantões, de sentinelas, etc..

O papel assumido por estes rapazes, ciosos de ser úteis, de prestar serviço, de mostrar o seu valor, foi de enorme influência durante o cerco da cidade. Foram estes exemplos de acção que inspiraram a B.-P. o pensamento de criar uma organização para a juventude, onde os rapazes tivessem oportunidade de desenvolver as suas vocações de serviço e de aplicar o sentido da aventura em actividades proveitosas, bem como de lhes oferecer o ensejo de exercitarem a virtude do altruísmo, o amor da camaradagem, em suma: o Escotismo.

Certo dia, durante o histórico cerco, este ilustre oficial inglês observou um destes jovens, numa bicicleta, pedalando enèrgicamente por entre o fogo da artilharia inimiga. Ficou tão impressionado que o mandou chamar à sua presença.

— Se continuas a passar assim entre as granadas que rebentam — disse-lhe então — ainda passarás um mau bocado. Serás ferido com toda a certeza.

Resposta do rapaz:

— Não tenha medo, meu coronel. Eu vou tão depressa que as granadas não me conseguem apanhar!

——→

O QUE É O ESCOTISMO

Era este um dos rapazes comandados por John Goodyear, senão mesmo ele próprio.

Por esse episódio, verídico, já temos ensejo de apreender alguns dos caracteres que assinalam o escoteiro: decisão, intrepidez, persistência, confiança, valentia, espírito de aventura, companheirismo, afã de serviço e do cumprimento do dever.

Mas não fiquemos por aqui. Isto, que já seria muito, ainda não é tudo o que este movimento está habilitado a pôr em equação para servir o adolescente.

Anos mais tarde, o fundador do escotismo, no prefácio de um dos seus livros, dizia:

«A razão de ser deste livro é a seguinte: mostrar como é possível formar verdadeiros homens e explicar como os «lesmas» (todos nós conhecemos o temperamento das pessoas a que é costume chamar-se «lesmas») como os «lesmas», dizia, se podem transformar em homens se se quiserem dar a esse trabalho».

Nestas palavras, já descortinamos o escotismo como algo um pouco diferente do que vimos acima. Aqui já não se trata apenas de uma organização que oferece a oportunidade de pôr em acção certos predicados que os rapazes podem possuir. Aparece agora como um meio capaz de promover a anulação de certas tendências negativas e de levar a cabo o florescimento daquelas virtudes de carácter que dão a conhecer os elementos úteis da sociedade. Era este o grande segredo de B.-P. quando afirma que o papel do chefe escoteiro consiste em explorar o íntimo de cada rapaz, para, descobrindo-lhe a personalidade, aproveitar e desenvolver o que ela tem de bom e extirpar o que ela tem de mau. É este, em síntese, o resultado que a prática do Escotismo tem demonstrado estar habilitada a atingir com a aplicação do seu método educativo.

Na pista do verdadeiro escoteiro

Estamos, pois, na pista do verdadeiro escoteiro.

Há muitas pessoas que, quando vêem um rapaz envergando o nosso uniforme, logo exclamam:

— Olhem, vai ali um escoteiro!

Nada mais falível que este raciocínio. Não só entre nós, mas em toda a parte onde o escotismo é praticado, há milhares de rapazes e de homens que fizeram um dia o seu compromisso de honra, vestiram a farda de escoteiro, fizeram acampamentos, tiraram provas de classe, conseguiram insígnias de capacidade, praticaram com regularidade a boa acção, tomaram parte em reuniões internacionais escotistas, fizeram mil e uma coisas que fazem parte da arte do escoteiro. No entanto, forçoso é confessá-lo, nunca foram escoteiros.

Ao contrário, homens que nunca conheceram o movimento de B.-P., que jamais leram qualquer manual escotista, que ignoraram por completo as nossas actividades, o nosso uniforme, foram ou são verdadeiros escoteiros. Os cavaleiros da antiguidade, os navegadores, os exploradores das selvas africanas, os missionários, é B.-P. quem o proclama, foram dos mais lídimos e denodados escoteiros.

Um elucidativo episódio escoteiro

Recordo-me que, quando eu era um escoteiro de pouco mais de 10 anos, num acampamento de todos os grupos da Região de Lisboa, que se realizou na Quinta da Fonte, em Benfica, se deu um acontecimento que me impressionou profundamente. Foi o caso de um grupo de rapazes que tinha colhido fruta das árvores. O pessoal da quinta, que era cedida graciosamente aos escoteiros para ali fazerem as suas actividades, fez chegar o seu reparo, por este procedimento pouco próprio de escoteiros, às entidades responsáveis, os dirigentes do acampamento.

Quando se realizou a formatura geral, o chefe Luís Grau Tovar de Lemos referiu o caso e teceu os comentários que o acontecimento merecia. No fim, afirmando que o escoteiro se devia responsabilizar pelas suas acções, convidou os responsáveis pela proeza, em sinal de arrependimento, a manifestarem-se, para que o caso ficasse já ali arrumado. Eram diversos os rapazes que tinham colhido a fruta. No entanto, só um deles foi corajoso, foi firme, foi digno, foi escoteiro. Só um deles se manifestou.

Este acto que, se não era louvável, não revelou, por outro lado, senão o espírito de aventura de meia dúzia de rapazes, que uma distracção própria da idade impediu de medir os reflexos desagradáveis do acto que iam praticar, teve vários protagonistas. Só um se manifestou, os outros acobardaram-se. Não foram escoteiros nesse momento de fraqueza.

A propósito desse acontecimento, vou até fazer uma afirmação temerária que os vai deixar surpreendidos: aqueles rapazes, ao subirem às árvores para colher os frutos que lhes apeteciam, quase cometeram uma acção própria de escoteiros. Sòmente uma circunstância, estranha ao próprio acto, veio afectar o valor daquele gesto decidido: era o facto daqueles frutos serem propriedade alheia, o que, para qualquer pessoa bem formada, seria motivo de respeito. O desembaraço e a decisão daquele punhado de rapazes, não foram porém completamente baldados, porque os colocou numa posição de demonstrarem a fibra dos seus sentimentos, ao reconhecerem sem hesitação o lado condenável do gesto que haviam tido, embora só um deles tenha usado dessa prerrogativa.

Devem ser assim os verdadeiros escoteiros. Nobres, correctos, corajosos, aptos a tirar lições e experiências proveitosas de todas as atitudes que assumam, transformando-as em provas da sua robustez moral e espiritual.

Uma vez escoteiro sempre escoteiro

Este espírito de escoteiro, revelado nestes exemplos a que me tenho referido, é qualquer coisa que absorve toda a personalidade do rapaz. Alguém que se tenha deixado empolgar por esta doutrina, alguém que tenha colocado em equação na sua vida os princípios enunciados por este movimento, ficará firmemente aliciado por essa experiência e sentir-se-á indelèvelmente ligado a esta maravilhosa camaradagem mundial que é o Escotismo.

Foi este facto, foi esta indiscutível realidade, foi este estado de espírito reconhecido por todos quantos um dia foram verdadeiramente escoteiros, que impôs um princípio, uma lei que é fielmente respeitada como verdade incontestável e incontestada. É o princípio de que, quem é uma vez escoteiro, será sempre escoteiro. Esta célebre divisa, da autoria do grande militar inglês Lorde Kitchener, é uma expressão que todos os escoteiros repetem e de que se orgulham. Este grande marechal afirmava, defendendo aquele princípio, que aos escoteiros era necessário ganhar o hábito de praticar

O QUE É O ESCOTISMO

o escotismo em todo o tempo. O que, a propósito disto, ele dizia, serve maravilhosamente para ilustrarmos a nossa ideia sobre a personalidade do escoteiro. Dizia Lorde Kitchener: «O hábito de praticar o escotismo deve revelar-se por: PRIMEIRO: nos tornarmos úteis, hábeis para empreender qualquer tarefa.

SEGUNDO: fazer tudo o melhor que nos seja possível, isto é, embora não sejamos brilhantes nas nossas actividades, perseveraremos e continuaremos a esforçar-nos por que as realizemos o melhor possível.

TERCEIRO: ajudar os outros sempre que essa oportunidade se nos apresente.

QUARTO: servir o nosso país, trabalhando com vigor nas nossas ocupações quotidianas».

E o conceituado militar conclui, dizendo:

«Mas não tenhais esta preocupação apenas enquanto fordes escoteiros. Aprendei agora a proceder dessa maneira e fazei desse procedimento um hábito que se projecte pela vida fora, a fim de que, quando já fordes homens feitos, possais ainda persistir nesse espírito de acção, continuando assim a ser escoteiros, praticando a boa acção, fazendo o vosso melhor, cumprindo o vosso dever antes que qualquer outra coisa, cumprindo-o até à morte».

O escotismo auxilia o rapaz a criar uma ideia correcta de Deus

Aqui no Grupo 8, e bem assim nos outros grupos de confissão religiosa, todo este plano de acção é enriquecido pela ênfase que se dá aos deveres religiosos, faceta da educação escotista a que B.-P. dava um valor muito especial.

Realmente, o Escotismo é um movimento que auxilia o rapaz a criar uma ideia correcta de Deus, uma ideia de Deus de notável positividade. Num manual escotista que possuo, a parte reservada ao estudo da História Natural é assim denominada: «A Natureza que Deus Criou». É que o escoteiro, no contacto íntimo com o mundo natural, está em condições óptimas de adquirir um conceito de divindade mais preciso e exacto que outra pessoa a quem não se tenha oferecido esse privilégio. Não se trata de uma nova forma de panteísmo, mas simplesmente uma oportunidade para se reconhecer o poder de Deus na realização de todas as maravilhas que nos rodeiam.

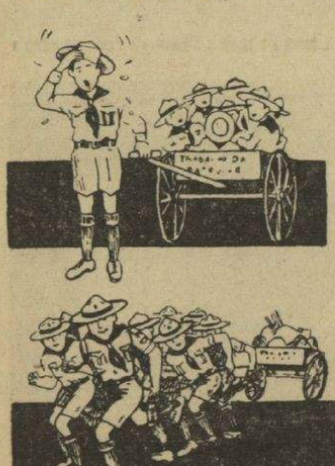
Além disso, o conceito de camaradagem e de fraternidade à escala universal é uma interpretação cheia de sabedoria da exortação de Jesus Cristo quando nos disse: «Amai-vos uns aos outros». Por estas ligeiras considerações se pode avaliar da pertinência de um grupo de escoteiros dentro de uma Igreja.

As palavras que atrás deixo ditas poderão certamente ajudar-nos a compreender, não a forma como se processa o método educativo que é o Escotismo, mas o perfil que se procura imprimir ao escoteiro, o herói desta grande aventura. Quando observamos a mocidade de hoje nas ruas das nossas cidades, nas suas pobres manifestações de espírito, mais temos a nítida percepção da necessidade da expansão do escotismo entre nós. Perante esses espectáculos tristes a que por vezes somos obrigados a assistir, não há dúvida que nasce em nós o sentimento de que devemos olhar com admiração e simpatia estes rapazes escoteiros que, reunidos à volta da bandeirola da sua patrulha, querem viver uma vida diferente, mais saudável, mais harmoniosa, mais completa, readquirindo o ar jovial e prazenteiro, readquirindo o espírito de aventura, os ideais de nobreza, de dignidade, a robustez espiritual capaz de resistir a qualquer vacilação, readquirindo a verticalidade própria de homens que querem olhar de frente o caminho que têm de trilhar.

E vós, meus Caros Amigos, mereceis também o nosso respeito não só por não terdes hesitado em confiar os vossos filhos a este movimento educativo, mas também pela vossa firme disposição de ânimo em quererdes conhecer, mais de perto, esta modelar organização e esclarecer qualquer dúvida acerca do que o Escotismo pode oferecer aos vossos filhos.

Joel Ribeiro terminou a sua esclarecida palestra depois de agradecer a atenção com que fora escutado, tendo sido muito felicitado pelo presentes.

Escuta, Guia de Patrulha:



SE TU fores devagar, eles param.
SE TU fraquejas, eles tombam.
SE TU te sentas, eles dormem.
SE TU duvidas, eles desesperam.
SE TU criticas, eles derrubam.
SE TU fores adiante, eles passar-te-ão.
SE TU dás a mão, eles darão a pele.
SE TU oras... então eles serão santos.

De «La Selva»—Saragoça—Espanha

Criar...

Cria o Hortelão, na horta,
A couve e a pimpinela;
Cria a «natureza morta»
O pintor, na sua tela.

A moda cria modelos,
Cria o músico a canção,
Criam mulheres, com desvelos,
Galinhas (a «criação»...)

Cria a mãe o seu menino
Ou dá a criar, à ama;
O poeta cria o hino
E o dramaturgo o drama.

Quando o tempo tem bom jeito
E o sol tem todo o fulgor,
Diz o povo satisfeito:
«Está um tempo criador!».

Que fica, por este andar,
Para o Criador criar?

EDUARDO MOREIRA

ANTIGOS ESCOTEIROS

3.º Acampamento dos Antigos Escoteiros

Com boa presença de antigos escoteiros, tanto acampados como visitantes, realizou-se nos dias 7 e 8 de Setembro passado, no subcampo destinado à Fraternal, no Campo Permanente da A. E. P. na Costa de Caparica, o «3.º Acampamento dos Antigos».

Cumprindo o programa prèviamente estabelecido, foram chegando, na tarde de sábado, os antigos companheiros que vieram acampar com as suas famílias.

Após o jantar, todos se reuniram num serão em que foram recordadas diversas peripécias passadas com os «antigos» presentes, tendo este terminado pelas 23 horas, depois de terem sido entoadas as mais velhas canções do nosso Cancioneiro.

No domingo, pela manhã, procedeu-se ao içar das bandeiras nos mastros do portão principal, com a participação de todos os «antigos» presentes no campo e mais aqueles que não puderam acampar.

Em verdadeiras manifestações de camaradagem e são optimismo decorreu o almoço, onde novamente foram recordados os bons tempos passados na sua transição pelo movimento.

Em representação da A. E. P., esteve presente o nosso companheiro E. C. José Maria Nobre Santos, que foi nomeado Chefe desta actividade, o qual foi convidado a inaugurar a Sala dos Fundadores. O representante da A. E. P. convidou o companheiro Humberto Martins a cortar a espia do caminho que divide o campo destinado à Fraternal, trabalhos estes que foram feitos pela Comissão Organizadora deste acampamento.

Terminada esta cerimónia, todos os presentes foram convidados pelo Chefe de Campo a visitar as instalações a inaugurar brevemente, tendo sido apreciadas e ouvidas com muito interesse as explicações pormenorizadas dadas por aquele companheiro.

Seguiu-se uma animada Festa de Campo, que serviu de pretexto para pôr à prova a boa disposição que reinava entre todos. Depois de serem chamados todos os companheiros, foram distribuídos galhardetes comemorativos deste acampamento e uma recordação oferecida pela Junta de Turismo da Costa de Caparica. No final, foi chamado o companheiro Luís Alves Miguel, o qual recebeu o abraço amigo de todos os presentes. Este é dos homens que no melhor momento da sua vida não esqueceu o que deve ao Escotismo. A seguir foi lida pelo Chefe de Campo uma circular antiga da nossa Fraternal escrita por um dos fundadores e assinada pelo Dr. Alfredo Tovar de Lemos, circular que, embora antiga, serve para sempre como inspiração.

Finda esta parte, procedeu-se ao desmontar do acampamento. No regresso foi com visível satisfação que todos manifestaram o desejo de que sejam repetidas estas reuniões e se realizem próximos encontros. — J. P. M.

Novos Corpos Gerentes

Em 23 de Outubro, depois do jantar na Tertúlia, um bom número de sócios da Fraternal esteve reunido, na sede, para, com os membros da Direcção, que terminou o seu mandato, se ocuparem de assuntos relacionados com a convocação da Assembleia Geral para eleição dos novos corpos gerentes.

Já fez a sua inscrição como Assinante Patrocinador?

O amigo de «Sempre Pronto» que faz a sua inscrição como Assinante Patrocinador substitui a assinatura ordinária de 20$00 por uma quota anual de Esc. — 30$00. Por 2$50 mensais recebe o nosso jornal e expressa a sua simpatia e interesse pela sua publicação.

A morte do Presidente Kennedy

← Pág. 1

As respostas deixamo-las ao critério dos leitores. O monstruoso drama de Dallas, ao mesmo tempo que é das mais escuras páginas da história dos nossos dias, pode tornar-se numa luz que indique o longo caminho para a redenção moral da Humanidade, caminho que importa, sem demora, percorrer. Será esta a maior das homenagens que será possível prestar ao malogrado Presidente Americano.

«Sempre Pronto» junta o seu veemente protesto aos imensos clamores que ecoam por todo o mundo contra a traiçoeira manobra que enlutou o Povo Americano.

Uma lição de escoteiros...

Em Madeure próximo de Besançon, os escoteiros montaram um acampamento. Mal tinham erguido as suas tendas, começaram a sofrer ataques dos «blousons noirs» e dos «teddy-boys». Noite após noite, variando as horas, e a coberto da escuridão, os desordeiros cortavam a lona, à navalha, e praticavam outras tropelias.

O escoteiro deve todos os dias praticar uma boa acção. Que melhor acção estaria ao seu alcance do que castigar os díscolos? Perdida a paciência, os «boy-scouts» ficaram alerta durante toda a noite. Apanharam os chefes do grupo atacante. Amarraram-lhes pés e mãos, raparam-lhes o cabelo e pintaram-lhes a cara com mercuro-cromo.

Transformados em peles-vermelhas e com a cabeça a rivalizar com a de Yul Brinner, os «valentões» regressaram a casa com sol alto, saudados por um coro de gargalhadas e pela troça das raparigas...

Do «Diário de Notícias»
11-8-1963

Os escoteiros voltam a acampar na Ilha de Brownsea

A Ilha de Brownsea tornou-se mundialmente célebre pelo lugar que desempenhou na fundação do Escotismo. Foi ali que, em 1907, Baden-Powell realizou o acampamento de experiência com um grupo de rapazes de diferentes classes com vista a estudar as bases do movimento escoteiro. Brownsea, portanto, foi, por assim dizer, o berço do Escotismo e o ano de 1907 foi considerado, e bem, o ano da fundação, após o qual B. P. lançou através do «Escotismo para Rapazes» as sugestões que despertaram o entusiasmo da mocidade inglesa e levaram à organização espôntanea de grupos de escoteiros em diversos pontos da Grã-Bretanha.

Apesar do interesse histórico que esta ilha tem para o Escotismo, durante muitos anos esteve completamente interdito o campismo ali. A Ilha voltou a ser aberta ao público durante os meses de Abril a Setembro. Há, no entanto, algumas limitações porquanto as lagoas e algumas zonas do parque são consideradas reservas da natureza e estão confiados aos cuidados de Dorset Naturalist Trust. O palácio e os seus jardins estão também encerrados ao público.

Vinte ares na parte sul foram destinadas a campismo para Escoteiros e Guias (raparigas), estando incluído nesta área o local onde exactamente se realizou o acampamento de Baden-Powell. Os terrenos necessitam de ser preparados pelo que o campismo só ali será possível a partir do próximo ano.

Em Maio passado, efectuou-se ali uma cerimónia escoteira de inauguração do Campo, a que presidiu Lady Baden-Powell, que oficialmente declarou aberto o campo para as actividades escoteiras e guidistas.



O Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, do Grupo 52, entrega ao Escoteiro-chefe americano Alford Jr., a Medalha de Agradecimento, classe prata, com que foi agraciado pela Direcção da A. E. P. sob sua proposta.